



APRENDIZAGEM PERSONALIZADA SOB OLHARES JUVENIS DO ENSINO MÉDIO

MARIANA DA SILVA NETA; JOCYLEIA SANTANA DOS SANTOS;
ISABELLA CRISTINA AQUINO CARVALHO

RESUMO

Neste texto, evidenciamos e refletimos sobre uma experimentação do Ensino Híbrido realizada com jovens estudantes do Ensino Médio de uma escola pública no estado do Tocantins, destacando os olhares desses jovens ao comparar a referida experimentação com o ensino tradicional ao qual estavam acostumados. Nesta pesquisa bibliográfica e de campo, dividida em duas etapas, foi possível inicialmente acompanhar a vivência desses estudantes nos modelos de ensino híbrido e posteriormente compreender a visão deles acerca dessa experimentação, em paralelo ao ensino tradicional. Com base nos resultados obtidos, foi possível perceber a preferência dos estudantes pela aprendizagem personalizada, não centrada na figura do docente, quando eles analisaram duas hipotéticas salas de aula e escolheram a sala com a aprendizagem personalizada, em que os estudantes são protagonistas do processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino híbrido; experimentação; juventudes; rotação por estações de aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, muito tem se discutido sobre as modificações relevantes e necessárias no Ensino Médio. Em diferentes sociedades, com diversas trajetórias históricas, constroem-se novas juventudes – distintas e plurais – contestando os modelos tradicionais de ensino, as práticas pedagógicas convencionais e até mesmo a formação inicial e contínua dos profissionais que atuam em arquiteturas curriculares restritas.

Este cenário social e educacional possibilita múltiplas interpretações tanto no processo de ensino, quanto no perfil do jovem que adentra ao Ensino Médio e lá permanece por, no mínimo, três anos, bem como exige análise das diferentes estratégias e metodologias adotadas pelos docentes das unidades escolares.

Provavelmente, dentre os inúmeros fatores mais pertinentes nas discussões acerca da educação contemporânea, o conjunto de saberes que são praticados e ensinados pelas unidades escolares se destacam, bem como suas implicações no ato de ensiná-los. Afinal, atualmente há estudantes bem jovens adentrando ao Ensino Médio, e outros mais experientes, entretanto, cada um possui seus conhecimentos, que devem ser consideradas no transcurso educacional. Esses estudantes: adolescentes, jovens ou adultos, apresentam características e vivências diferenciadas e carregam suas histórias de vida, virtudes, origens, talentos, limitações, frustrações, expectativas de futuro e seus pontos de vista sobre o mundo.

Mesmo em localidades mais distantes dos grandes centros, em escolas da periferia que atendem estudantes de baixo poder aquisitivo, constata-se que eles estão inseridos em um contexto crescentemente digital no cotidiano. Porém, muitos docentes ainda encontram, de um lado, dificuldades técnicas e de formação profissional, e de outro, certa resistência em

incorporar as tecnologias digitais em suas práticas pedagógicas.

Ancorado nas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), a combinação de sala de aula tradicional e o ensino on-line, conhecido como *Blended Learning (BL)*, possibilita diferentes abordagens pedagógicas, a fim de reconfigurar o processo de ensino e aprendizagem. Esses recursos tecnológicos oportunizam o diálogo entre as múltiplas abordagens no BL, pois este é concebido como

[...] uma estratégia dinâmica que envolve diferentes abordagens pedagógicas e diferentes espaços (formais e informais). Ou seja, para além da questão da integração dos momentos presenciais e não presenciais, devemos ter em conta também a conjugação de diferentes abordagens de ensino, a interação de diversos recursos tecnológicos e a adoção dos diferentes espaços de vida no processo de ensino-aprendizagem (MONTEIRO; MOREIRA, 2013, p. 30).

Dessa forma, objetivamos compreender a visão de jovens estudantes do ensino médio acerca de uma experimentação do ensino híbrido, em paralelo ao formato mais comumente utilizado nas escolas, o dito “tradicional”, centrado na figura do professor e não considerando o estudante como protagonista, mas como um receptor de informações.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para atingir os objetivos propostos nesta pesquisa foi realizado um estudo de caráter qualitativo (CRESWELL, 2007), envolvendo estudantes do ensino médio. Assentamo-nos em revisão bibliográfica e pesquisa exploratória e de campo, direcionando-nos pela perspectiva crítico-dialética (TRIVIÑOS, 2008), pois a consideramos apropriada para a compreensão dessa realidade, em uma perspectiva de ir além do aparente, do óbvio, para que se possa conhecer a prática a fim de transformá-la. Nessa perspectiva, foi possibilitado aos 26 estudantes de uma escola pública do ensino médio do estado do Tocantins, a vivência de uma experimentação do ensino híbrido, em duas fases distintas.

A primeira fase consistiu na experimentação dos modelos sustentados de ensino híbrido, nos componentes curriculares da área de Linguagens e suas Tecnologias, a saber: Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Redação e Educação Física, em que cada docente escolheu um submodelo de ensino híbrido, dentre os referentes à rotação: rotação por estações, laboratório rotacional e sala de aula invertida, o que foi algo totalmente diferente das práticas cotidianas em sala de aula.

Na segunda fase procedeu-se à verificação das visões dos estudantes acerca da experimentação, em que, por meio de questionário, sugerimos que os estudantes escolhessem a sala de aula que mais lhe agradava, cujas respostas são apresentadas nos resultados e discussão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta pesquisa, além de compreender a visão de jovens estudantes do ensino médio acerca de uma experimentação do ensino híbrido, em paralelo ao formato mais comumente utilizado nas escolas tradicionais, objetivamos também analisar a visão desses estudantes, frente às novas tecnologias digitais da informação e comunicação no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse contexto, vinte e seis estudantes do Ensino Médio, na faixa etária de 15 a 24 anos, de uma unidade escolar pública do estado do Tocantins, foram convidados a participar deste estudo. Esses jovens estavam regularmente matriculados na primeira série do Ensino Médio em 2017, sendo dez do sexo masculino e dezesseis do sexo feminino.

Convém destacar também que todos os estudantes já haviam participado de algumas

aulas dos Componentes Curriculares da área de Linguagens: Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Educação Física e Redação da experimentação do Ensino Híbrido, especificamente vivenciando os modelos de Rotação por Estações, Sala de Aula Invertida e Laboratório Rotacional. Uma experiência como essa possibilita que esses jovens saiam do

papel de passivo, de escutar, ler, decorar e de repetidor fiel dos ensinamentos do professor e torna-se criativo, crítico, pesquisador atuante, para produzir conhecimento. Em parceria, professores e alunos precisam buscar um processo de auto-organização para acessar a informação, analisar, refletir e elaborar com autonomia e conhecimento (BEHRENS, 2013, p. 77).

Isso significa que os estudantes já haviam vivenciado tanto o ensino nos moldes “tradicionais”, quanto nessa nova referência de serem mais proativos e sujeitos no processo de aprendizagem. Dessa forma, a dinâmica da pesquisa foi por meio de um questionário impresso em que eles deveriam analisar a seguinte situação hipotética sobre duas salas de aula:

- **Sala A:** Professor em frente à turma (aula expositiva) explicando os conteúdos para estudantes silenciosos, sentados em carteiras enfileiradas;
- **Sala B:** Professor circulando pelas equipes a fim de auxiliar na solução das dúvidas dos estudantes que estavam organizados em equipes, trabalhando de forma colaborativa, com o uso das novas tecnologias, discutindo e socializando a temática selecionada.

Os estudantes deveriam analisar as duas hipotéticas salas de aula e se posicionarem, justificando com qual delas mais se identificavam, percebiam que poderiam aprender com mais facilidade e sentiam-se mais confiantes em relação ao seu aprendizado. Sala A ou sala B?

Vale destacar que o objetivo desta pesquisa não era apenas quantificar os estudantes que escolheriam sala A ou sala B, mas também analisar qualitativamente as suas justificativas.

Ao consolidar os resultados encontrados, foi possível perceber que cinco estudantes escolheram a sala A, justificando que “com a explicação do professor é mais fácil de aprender do que sentar em grupos com os colegas, pois na maioria das vezes, para fazer alguma tarefa em grupo eles utilizam internet e acabam não aprendendo” (estudante 1); ou “assim aprendemos mais com os alunos colaborando com o professor” (estudante 2); ou ainda “sinto-me mais confiante com o professor explicando” (estudante 3). Os estudantes 4 e 5 afirmaram que preferem o silêncio por motivos de necessidade de concentração.

É possível perceber que as respostas apontam para jovens provavelmente tímidos, que preferem ouvir as explicações ou que precisam do silêncio para se concentrarem nos estudos. Bem como a insegurança ou indefinição entre o confronto com o novo e a acomodação, neste caso, os estudantes optaram pela última.

Todos nós somos sabedores que atualmente há um grande desafio na esfera educacional, sendo necessário ajustes e adequações para superar essas adversidades, como o fato de alguns professores ainda terem resistência ou mesmo dificuldades em inserir as tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem. Sabemos que ao escolher a sala B, o docente precisa estar aberto à escuta dos estudantes, permitir que exerçam sua autonomia, ter afinidade com os recursos digitais e disponibilidade ao atendimento mais individualizado.

Dentre as múltiplas características necessárias à atividade docente, neste caso, destacamos a criatividade do professor em conduzir esse processo, pois, para alguns a sala B pode ser considerada como tumultuada, mas há inúmeras possibilidades de um aprendizado significativo e colaborativo, bem como o surgimento de líderes nos grupos.

A Sala B, com os estudantes organizados em equipes, trabalhando colaborativamente com o uso das novas tecnologias, discutindo e socializando a temática selecionada, sendo que o professor circula pelas equipes (que transitam por diferentes atividades) para auxiliar na solução das dúvidas, foi escolhida por 21 estudantes.

Analisando os resultados favoráveis à sala B, percebe-se que os estudantes podem ter sentido um ambiente favorável à aprendizagem, com uma vivência mais centrada neles, tendo no professor um mediador e/ou colaborador do processo de ensino. Dessa forma, valoriza-se e estimula-se a autonomia, tendo em vista que o foco do processo de aprendizagem está centrado nos estudantes e não mais na transmissão de informações que o professor tradicionalmente realiza. Ao final do processo, em geral, há socialização dos resultados e sempre existe o feedback do professor.

Nessa perspectiva, inferimos que, o professor tem a oportunidade de se reinventar, seja em relação aos objetos de conhecimento a serem ministrados, bem como no que se refere aos métodos e técnicas pedagógicas a serem utilizadas em sala de aula, pois a aprendizagem personalizada

é adaptada às necessidades particulares de um determinado estudante. O poder do ensino personalizado, entendido dessa forma, é intuitivo. Quando os estudantes recebem ajuda individual de um professor, em vez de ensino em massa para um grupo, os resultados são geralmente muito superiores. Isso faz sentido, visto que, nessa situação, os professores podem fazer de tudo, desde ajustar seu ritmo, se estiverem indo muito rápido ou muito devagar, a reformular uma explicação ou fornecer um novo exemplo ou uma nova abordagem para fazer um tópico ganhar vida para um estudante (HORN; STAKER, 2015, p. 25).

A experimentação do ensino híbrido vivenciada pelos estudantes concentrou-se mais especificamente nos modelos sustentados, como:

- o modelo de **Rotação por Estações** - ou o que alguns chamam de Rotação de Turmas ou Rotação em Classe - é aquele no qual os alunos revezam dentro do ambiente de uma sala de aula.
- o modelo de **Laboratório Rotacional** é aquele no qual a rotação ocorre entre a sala de aula e um laboratório de aprendizado para o ensino on-line.
- o modelo de **Sala de Aula Invertida** é aquele no qual a rotação ocorre entre a prática supervisionada presencial pelo professor (ou trabalhos) na escola e a residência ou outra localidade fora da escola para aplicação do conteúdo e lições on-line.
- o modelo de **Rotação Individual** difere dos outros modelos de Rotação porque, em essência, cada aluno tem um roteiro individualizado e, não necessariamente, participa de todas as estações ou modalidades disponíveis (CHRISTENSEN; HORN; STAKER, 2013, p. 29, grifos nossos).

Em consonância, José Armando Valente (2015), afirma que o Ensino Híbrido possibilita aos estudantes: trabalhar com o material no seu ritmo; tornar-se mais autônomo; sinalizar para o professor os temas em que apresentaram maior dificuldade e aprofundar a sua compreensão acerca do conhecimento construído, sendo possível recuperá-lo, aplicá-lo, ampliá-lo e, com isso, construir novos conhecimentos.

Compreendemos que os contextos são diversos, o público do ensino médio também, mas vale destacar que na atualidade não cabe mais o ensino centrado na figura do docente, considerando que os jovens têm muito a compartilhar e podem ser protagonistas do seu processo de aprendizagem.

Dessa forma, corroboramos com Paro (2011, p. 17), ao defender que o papel dos profissionais da educação é enfatizar um ensino com diálogos abertos e informações que provoquem reflexões a respeito dos fatos sociais existentes. Tudo isso pode ser obtido, dentre outras possibilidades, com a personalização do ensino, pois possibilita o protagonismo dos estudantes.

4 CONCLUSÃO

Reconheçamos que os jovens estudantes do Ensino Médio não aprendem todos da mesma maneira, dessa forma, chegamos à conclusão de que se faz necessário integrar os aspectos positivos do ensino tradicional ao ensino híbrido, por meio do qual é possível personalizar o ensino e, principalmente, rever os papéis dos envolvidos no processo educacional, pois o estudante passa a ser visto como protagonista do seu aprendizado.

As discussões apresentadas apontam que podemos considerar que as tecnologias digitais da informação e comunicação facilitam bastante esse processo e ampliam as possibilidades de aprendizagem. Assim, espera-se que cada unidade escolar considere as individualidades dos seus estudantes e apresente uma proposta múltipla que possa atender às particularidades, sem deixar nenhum estudante sem acesso à educação.

Tais considerações apontam que agora a responsabilidade da aprendizagem, centrada no estudante, precisa favorecer uma postura mais participativa, com resolução de problemas, desenvolvimento de projetos e criação de oportunidades para a construção do conhecimento. O docente exerce a função de mediador e consultor do aprendiz.

Dessa forma, haverá a ressignificação da informação, de modo que os estudantes possam desenvolver as competências necessárias para viver na sociedade do conhecimento, o que foi verificado por meio das respostas dos estudantes, ao optarem pela sala B, em que os estudantes organizados em equipes trabalhavam colaborativamente com o uso das TDICs, discutindo e socializando a temática selecionada, e tendo o professor como mediador para auxiliar na solução das dúvidas.

Isso nos conduz à certeza de que a educação passa por transformações e precisa sempre inovar a fim de acompanhar e atender às necessidades educacionais e sociais das juventudes do ensino médio.

REFERÊNCIAS

BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. *In*: MORAN, J. M.; MASSETO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2013.

CHRISTENSEN, C.M., HORN, M.B., STAKER, H. **Ensino Híbrido: uma Inovação Disruptiva?** Uma introdução à teoria dos híbridos. Boston: Clayton Christensen Institute, 2013.

CRESWEL, J. W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

HORN, Michael B., STAKER, Heather. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação** [recurso eletrônico] Tradução: Maria Cristina Gularte Monteiro. Porto Alegre: Penso, 2015.

MONTEIRO, A.; MOREIRA A. J. O blended learning e a integração de sujeitos, tecnologias, modelos e estratégias de ensino-aprendizagem. *In*: MONTEIRO, Angélica *et al.* **Blended Learning em Contexto Educativo: perspectivas teóricas e práticas de investigação**. 2.^a Edição. Santo Tirso: De Facto Editores, 2013.

PARO, V. H.. A importância dos clássicos da Pedagogia para a administração escolar. *In*: PARO, V. H. (Org.). **Administração escolar à luz dos clássicos da Pedagogia**. São Paulo: Xamã, 2011. p. 7-22.

TRIVIÑOS, A. N. da S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

VALENTE, José Armando. Prefácio. *In*: BACICH, L., TANZI NETO, A., TREVISANI, F. M. Organizadores. **Ensino híbrido**: personalização e tecnologia na educação [recurso eletrônico] - Porto Alegre: Penso, 2015.